



COURTESY/LOS ANGELES TIMES

Junot Diaz escreveu o primeiro romance mais falado do ano?

O escritor fala da infância na República Dominicana e dos gostos que partilha com Oscar, o improvável protagonista do seu primeiro romance. Foi publicado este mês e logo aclamado

Scott Timberg

● *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*, de Junot Diaz, parece destinado a ser o primeiro romance mais falado do ano. Chegando depois de 11 anos de expectativa, desde *Drown*, a celebrada colecção de contos de Diaz, a voz narrativa do romance evoca a energia poliglota de Salman Rushdie em *Os Filhos da Meia-Noite* e a ânsia sexual de *Portnoy's Complaint*, de Philip Roth.

Mas, de facto, em muitas coisas Oscar, o infeliz protagonista do romance, é o oposto do excitado Portnoy. Gordo, um *nerd* com óculos, o jovem Oscar é obcecado com ficção científica e com o fantástico. Não sonha desflorar *shiksas*, mas tornar-se o Tolkien dominicano.

E o longo intervalo entre a colecção de histórias e *Oscar Wao*? Em parte foi devido aos esforços de Diaz para escrever um romance de ficção científica, que ainda não terminou. O autor, de 38 anos, falou ao telefone do seu hotel em Washington, onde vai iniciar uma digressão para promover o livro.

O herói do seu livro, Oscar, não tem muito em comum consigo. Mas são ambos imigrantes dominicanos que desenvolveram um grande interesse pela ficção científica e pelo fantástico.

Quando era novo adorava ficção científica. É difícil explicar porque é que se está mais aberto a certos tipos

de narrativa. Mas uma das coisas em que pensei é que acontecia apenas com géneros onde eu encontrava o tipo de narrativas fora do comum que eu também estava a viver. Eu explico às pessoas que a única coisa que descreve a minha vinda de Santo Domingo em 1974 para New Jersey - sem electricidade ou água corrente, no extremo oposto daquilo a que chamamos moderno, e depois ter televisão por cabo e tecnologia de ponta -, a única coisa que faz sentido para mim é uma máquina do tempo. Foi como viajar no tempo. Eu adorava tudo de André Norton, Isaac Asimov - li tudo de Heinlein. Li tudo de Bova; era um enorme fã dos romances apocalípticos de John Christopher.

Mas o que aconteceu foi que deixei de os ler durante 15, 16, 17 anos. Descobri as raparigas, foi esse o problema. E tornei-me fã de Stephen King. Ele foi a minha porta de entrada para a literatura séria. O Stephen King ao menos tem pessoas normais que enfrentam a loucura, enquanto as outras coisas que eu lia eram sobre extraterrestres ou robôs. Mas depois fui para a universidade e tive uma verdadeira educação sobre ficção literária, como nunca tinha tido antes.

O que o trouxe de volta à ficção científica?

Foi o Oscar que me trouxe de volta, porque criei um personagem que nunca tinha deixado de

gostar de ficção científica. É definitivamente outro dos erros sociais que o Oscar comete, apaixonar-se por uma das formas narrativas mais marginais e ridicularizadas. Mas de repente apercebi-me de que não podia escrever sobre o Oscar se não soubesse todas estas coisas e tive de ler centenas de livros. Todos os meus amigos faziam troça: de repente, eu, que só queria ver lutar o campeão de boxe, estava no eBay a comprar livros de ficção científica extremamente raros e difíceis de encontrar. Eles perguntavam-me: "O que estás a fazer?". E eu respondia "Tenho de fazer esta pesquisa". "Estás doido", disseram. Foi uma daquelas situações em que achei a pesquisa - como sempre - muito mais agradável do que a escrita. Encontrei aqueles textos estranhos de John Brunner, chamados *The Atlantic Abomination*. Ele é um dos maiores. Só se fumar *crack* e andar numa roda gigante durante cinco dias é que se consegue escrever algo como aquilo. É como se conhecesse alguém e te apaixonasses. Fiz esta pesquisa e acabei por me tornar um fã outra vez.

Parece que não estava exactamente à procura de qualidade literária, mas de um tipo de experiência extrema, talvez uma audácia, que não encontrava na ficção *mainstream*. Sabe o que é? Alguém gostou

realmente deste livro. Para mim não foi essa velha postura irónica. Alguém gostou realmente deste esquisito amontoado de coisas e não é fácil esquecer isso, mesmo quando reparo como está mal escrito ou nos defeitos que tem. Dou por mim a olhar para ele e a dizer "isto mexeu com a vida de alguém; o que é que consigo ver nele que valha a pena?" Alguém está a tentar dar-nos uma perspectiva. A ficção científica é uma tentativa de usar o futuro para falar do presente, e falar dele de uma forma, digamos, muito menos censurada.

É engraçado que haja este movimento de homens escritores nascidos nos anos 60 - Michael Chabon, Jonathan Lethem, você e outros -, que revivem estes géneros como a ficção científica, banda desenhada, histórias de aventuras e por diante. O que está a provocar esta vingança dos *nerds*?

Uma parte do porquê, desta tendência ser tão visível, é que o mercado está a apoiá-la. Não é que a cultura popular se tenha tornado de repente tão incrivelmente tolerante e aberta que abraça os livros de banda desenhada ou *anime* (animação japonesa). É que o capitalismo tornou-se tão feroz que tem de vender tudo a toda a gente e manter-nos perpetuamente adolescentes, usando qualquer sino ou apito que possa.

É uma daquelas coisas estranhas, porque no fim continuamos a falar da divisão alta e baixa cultura. Uma das razões porque falamos de Chabon, ou de Lethem, é porque estes são considerados mestres da ficção literária, namorando nestes campos. Eu não acho que eles estejam a brincar. Mas parte da excitação vem do facto de que são pessoas sérias da literatura a fazer isto.

Dado o sucesso que o seu romance obteve - que incluiu algumas das melhores críticas do ano - não está também nessa categoria?

Bem, a parte engraçada é esta: mais importante do que tudo isso, sou um escritor de cor. As pessoas têm todo o tipos de rótulos para o que eu faço. Por isso, a piada comigo é: qual é a diferença para alguém que já é considerado um género, fazer um género? Senti que a piada do livro era: o que era mais género? As partes dominicanas ou a parte de ficção científica? Penso que um escritor de cor nos Estados Unidos terá mais em comum, ou sentirá mais uma relação, com a marginalização dos livros de banda desenhada, por exemplo, do que os autores mais *mainstream*. Duas margens tendem a sentir-se confortáveis uma com a outra.

Exclusivo PÚBLICO/Los Angeles Times